

**DOMINGAS:
(IN)VISIBILIDADE X RESISTÊNCIA DA MULHER INDÍGENA NA OBRA DOIS
IRMÃOS, DE MILTON HATOUM**

Nádia Grings Batista¹
Luis Junior Costa Saraiva²

RESUMO

O presente artigo aborda a representação da mulher indígena na obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, perpassando por uma discussão sobre o neocolonialismo na Amazônia, os surtos de crescimento de Manaus e a exploração das mulheres, tendo como referência a personagem Domingas. O objetivo principal é demonstrar como, ao longo de sua vida, questões de gênero, raça/etnia e as relações afetivas, construídas com a família, colaboraram para a manutenção de sua condição de servidão e invisibilidade. Além de evidenciar que, apesar desse contexto, ela encontra meios de resistir ao que lhe é imposto. Autoras e autores como Berta Becker (2013), Joan Scott (1995), Aníbal Quijano (2005) e Suzana Bornéo Funck (2014) contribuem para a compreensão desse processo que resultou na construção do sentimento de subalternidade nas pessoas e nas nações colonizadas ou neocolonizadas. Desse modo, compreendemos no artigo que o pensamento decolonial é proposto como um caminho em direção à construção de uma autonomia individual e coletiva, capaz de transformar positivamente a vida dos envolvidos.

Palavras-chave: Amazônia. Decolonial. Domingas. Invisibilidade.

ABSTRACT

This article deals with the representation of the indigenous woman in the *Dois Irmãos* work, written by *Milton Hatoum*, through a discussion about neocolonialism in the Amazon, the growth outbreaks in *Manaus* and the exploitation of women, referencing *Domingas* character. The main objective is to demonstrate how throughout his life, issues of gender, race / ethnicity and affective relationships, built with the family, have contributed to the maintenance of his condition of servitude and invisibility. In addition to showing that despite this context, it finds ways to resist to what it is imposed on. Men and women authors such as *Berta Becker* (2013), *Joan Scott* (1995), *Aníbal Quijano* (2005) and *Suzana Bornéo Funck* (2014) contribute to the understanding of this process, which has resulted in the construction of a sense of subalternity in people and colonized nations or neo-colonized. Therefore, we understand in the article that the decolonial thinking is proposed as a path towards the construction of an individual and collective autonomy, capable of positively transforming the lives of those who are involved.

Keywords: Amazon. Decolonial. *Domingas*. Invisibility.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia/UFGA. E-mail: nadiagrings@ufpa.br; nadiagbatista@yahoo.com.br

² Doutor em Antropologia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará/ Campus de Bragança. E-mail: luisjsaraiva@gmail.com

INTRODUÇÃO

Durante as primeiras leituras do romance *Dois Irmãos* (DI, 2006), de Milton Hatoum³, e refletindo sobre Domingas, surgiram ideias e questionamentos sobre a importância da personagem na obra. Inicialmente parecia ser insignificante sua participação no enredo; no entanto, estava sempre presente, sendo citada 169 vezes num livro com 198 páginas; é como uma sombra acompanhando a família por toda sua existência. Essa personagem foi e ainda é objeto de muitos estudos⁴, mas as sutilezas em sua composição permitem muitas análises, sob muitos vieses. Na obra, Domingas é a representação da mulher que, privada de sua liberdade desde a infância, resigna-se a viver a vida que outros escolheram para ela, como fica evidenciado no trecho:

Domingas fechava os olhos e fingia dormir, e se lembrava do pai e do irmão. Chorava quando se lembrava do pai, dos bichinhos de madeira que fazia para ela, das cantigas que cantava para os filhos. E chorava de raiva. Nunca mais ia ver o irmão, nunca pôde voltar para Jurubaxi. As freiras não deixavam, ninguém podia sair do orfanato. As irmãs vigiavam o tempo todo (HATOUM, 2006, p. 56).

Apesar de aparentemente aceitar seu destino de servidão, percebe-se ao longo da narrativa o quanto Domingas deseja uma vida diferente, sonha com sua liberdade e resiste a seu modo. O mesmo não ocorre na minissérie baseada em DI (2006)⁵, na qual seu papel é minimizado e ainda mais estereotipado, ficando evidente apenas os aspectos de subjugação dessa personagem. No livro ela se mostra consciente e resistente a sua condição de submissão, timidamente como poderá ser observado nas próximas páginas; mas na adaptação esses traços são invisibilizados. Importa considerar que os estereótipos subalternos, sob os quais essa personagem é representada, tanto na minissérie quanto no livro, foram criados, replicados e

³ Milton Hatoum nasceu em 1952, em Manaus (Amazonas), onde passou a infância e uma parte da juventude. Diplomou-se em Arquitetura na USP, trabalhou como jornalista cultural e foi professor universitário de História da Arquitetura. Autor de quatro romances premiados, inclusive com o prêmio Jabuti de melhor romance e prêmio Portugal Telecom, sua obra foi traduzida em doze línguas e publicada em catorze países.

⁴ Como por exemplo os artigos: 1) **Alteridade e feminino no romance *Dois irmãos de Milton Hatoum***, de Mônica Maria dos Santos e Maria do Socorro Beltrão Macieira - Revista Fiar: Revista do Núcleo de Pesquisa e Extensão - Ariquemes, v.2 n. 1, p. 174-184, 2013; 2) **Mães zelosas, Cunhantãs resignadas, Amantes perigosas: representações da Mulher Amazônica no romance de Milton Hatoum**, de Joana da Silva e Adelaine Laguardia - Somanlu, ano 11, n. 1, jan./jun. 2011. (p. 131-149) e a tese: **Relações de Gênero no Romance de Milton Hatoum**, Joana da Silva. 2011. Dissertação. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456100997.pdf>

⁵ A minissérie foi produzida pela Rede Globo e exibida em janeiro de 2017, tendo sido dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

incorporados por toda uma sociedade, a partir das categorias gênero, raça/etnia e classe social. A construção desses modelos mentais tem um propósito e aconteceu deliberadamente ao longo dos séculos de colonização e pós-colonização dos países latino-americanos (QUIJANO, 2005).

A minissérie está sendo citada apenas para suscitar a reflexão de que a grande mídia brasileira tem um papel importante na manutenção das ideias hegemônicas, entre elas a de raça/etnia. A concepção de raça/etnia teve, durante a colonização, a função de legitimar as relações de poder do europeu branco sobre negros, indígenas e mestiços colonizados, uma forma nova de tornar natural a superioridade dos conquistadores sobre os conquistados, inferiorizando o diferente. Essa construção mental sobre raça/etnia surge com o colonialismo, mas tem se mantido eficiente na atual dinâmica de classificação da humanidade (QUIJANO, 2005). Portanto, a contestação e a desestabilização desse poder midiático corrompido apresenta-se como um desafio para os movimentos contra hegemônicos contemporâneos.

Um caminho para essa contraposição é o que se toma neste artigo, o da literatura, não como um meio panfletário, mas como um meio possível e necessário para a disseminação dos diálogos sobre a diversidade. Há um trecho do livro *Santas (im)possíveis*, de Cristina Maria Teixeira e Wiliam Alves Biserra (2012), que diz “Lembrar é lutar, esquecer é permitir. Esse é o campo de batalha da literatura: o simbólico, o imaginário” (TEIXEIRA; BISERRA, 2012, p. 10). Partindo desse pensamento, abordar, através da literatura – ou de reflexões sobre a literatura – pensamentos, situações e vivências diferentes dos tradicionalmente apresentados nos espaços de divulgação da ideologia hegemônica – leia-se principalmente a mídia televisiva – oportunizam novos olhares sobre o outro e viabilizam a construção de um pensamento autônomo. Desse modo, em algum momento, o gênero, a raça/etnia e a classe social podem deixar de ser marcadores de estereótipos e de subjugação.

1. A OBRA E O CONTEXTO AMAZÔNICO

Hatoum, no romance *Dois Irmãos* (2006), escreve sobre Manaus, no século XX, entre as décadas de 1910 e 1970, com seus surtos de crescimento e estagnação, expondo o cotidiano de uma família de migrantes libaneses, seus dramas familiares e econômicos, a influência religiosa e a relação de autoridade e domínio sobre a vida de seus agregados de origem indígena. Em vários trechos da obra, surge como argumento para o enredo a questão da

expansão desordenada da cidade de Manaus, com seus surtos de crescimento, como define Bertha Becker (2013).

Manaus caracteriza-se por dois surtos bem marcados. Após longos séculos de ausência de crescimento, tanto de crescimento demográfico como econômico, dá-se um vertiginoso surto da borracha em poucas décadas, seguido de colapso. Encerrada a estagnação, novo surto se configura a partir de 1967, por iniciativa do Estado brasileiro. Baseado na indústria, revela certa sustentabilidade, respondendo pela posição atual da cidade como metrópole regional (BECKER, 2013, p. 19).

Manaus tornou-se o destino de muitos estrangeiros em busca de riquezas e de milhares de nordestinos fugidos da seca que vinham com a esperança de terem uma vida melhor. Essa migração interna foi estimulada para resolver dois problemas: um, como já explicitado, foi o da seca; o outro, a necessidade de mão de obra para extrair a seringa, que surge com a abolição da escravidão negra, em 1888. No entanto, esses nordestinos, ficando isolados nos barrancos distantes da cidade, eram obrigados a pagar valores exorbitantes pelas mercadorias disponíveis no armazém do seringalista, o que gerava uma dívida crescente para os trabalhadores. Desse modo, esses seringueiros, em pouco tempo, se viram submetidos a uma semiescravidão. Para Becker (2013, p. 28):

O surto da borracha corresponde a um efetivo crescimento econômico e demográfico, que pela primeira vez ocorre no rio Negro, com forte impacto em Manaus. Um surto, contudo, baseado em tão fortes desigualdades, que assume caráter violento.

Nesse contexto de início do século XX, a cidade cresce vertiginosamente, como extensão do porto, que recebia a produção de borracha da região e a transportava, inicialmente para a Europa e depois para os Estados Unidos. Em 1914, Manaus passa pela primeira crise, em decorrência da perda do monopólio da produção da borracha para os asiáticos, passando por um período de estagnação econômica até o início da Segunda Guerra Mundial, a partir da qual a demanda pela borracha volta a crescer e a produção na Ásia diminui em função de seu envolvimento nos conflitos. Desse modo, Manaus volta a crescer, mas essa “bolha” dura poucos anos e se extingue com o fim da guerra. Novamente a crise se instala na região, fazendo com que os “soldados da borracha”, como eram chamados os seringueiros e suas famílias, se amontoem pelas ruas da cidade, fugindo da miséria no interior.

Justamente nesse período de pós-guerra se inicia a narrativa do livro DI (2006), e Nael, o narrador testemunha, retrata esse cenário em vários trechos, nos quais índios e

migrantes do interior esmolavam pela cidade, dormiam pelas ruas do centro e construía acampamentos miseráveis no entorno de Manaus. É nesse período também que Halim, patrão de Domingas, se consolida como um próspero comerciante:

Halim havia melhorado de vida nos anos do pós-guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade (HATOUM, 2006, p. 32).

Halim e Zana são dois imigrantes libaneses recém-casados que recebem Domingas ainda menina para servir-lhes de empregada e terminar de ser criada. Desse casamento nascem inicialmente os gêmeos Yaqub, o primogênito, e Omar, o Caçula de Zana, que nasceu mirrado e doentinho e tornou-se o preferido da mãe. O outro, Yaqub, foi deixado aos cuidados de Domingas. O casal ainda teve uma filha, Rania, que, como a mãe e Domingas, vive em função dos gêmeos, que são opostos em tudo. O conflito entre os dois irmãos é o tema central do livro que tem como narrador Nael, filho de Domingas, supostamente com um dos gêmeos.

Ao longo da obra, Manaus vai se transformando, assim como a família de Zana e Halim, conforme a cidade sofre com a invasão dos migrantes paupérrimos que chegam do interior e com as tensões da ocupação militar, a partir de 1964, também os conflitos familiares se acirram. E assim como a cidade não consegue se reconciliar com seu passado glorioso da *Belle Époque*, Zana não consegue reconciliar os filhos:

O sonho de Zana, desfeito: ver os filhos juntos, numa harmonia impossível. Ela relembra o seu plano, minucioso e sagaz. "Meus filhos iam abrir uma construtora, o Caçula ia ter uma ocupação, um trabalho, eu tinha certeza..." Chamava minha mãe para perto dela, dizia: "O Omar perdeu a cabeça, foi traído pelo irmão. Sei de tudo, Domingas... Yaqub se reuniu com aquele indiano, fez tudo escondido, ignorou o meu Caçula, estragou tudo..." (HATOUM, 2006. P. 177).

2. DOMINGAS

Em meio a todo esse contexto, surge Domingas com seus próprios dramas, evocando a simbologia da mulher indígena, levada pelas circunstâncias da vida a deixar a tranquilidade da sua aldeia e se aventurar nessa cidade barulhenta que a deixava aflita. Foi obrigada a aprender ler, escrever e rezar as rezas cristãs, mas gostava mesmo era de esculpir os bichinhos de sua

infância na madeira, cantar em *nheengatu*, a música que seu pai cantava para ela quando criança, e de usar suas ervas medicinais.

Sua personagem é inserida no convívio da família de uma maneira tão compulsória quanto foi sua retirada da aldeia onde vivia quando ficou órfã. Passou dois anos no convento até o dia em que a irmã Damasceno a entrega para terminar de ser criada por Zana:

Olhou para Domingas e disse: “Dona Zana, a tua patroa, é muito generosa, vê se não faz besteira, minha filha”. Zana tirou um envelope do pequeno altar e o entregou à religiosa. As duas foram até a porta e Domingas ficou sozinha, contente, livre daquela carrancuda. Se ficasse no orfanato, ia passar a vida limpando privada, lavando anáguas, costurando (HATOUM, 2006, p. 57).

Quando Zana entrega o envelope à religiosa, fica a impressão de que a menina é comprada e, a partir daí, passa a ser sua empregada não remunerada, numa condição análoga à servidão. Esse episódio acontece no início da década de 1920 quando já não havia, oficialmente, escravidão no país. No entanto, no livro essa prática parecia corriqueira de acordo com o relato acima e outros ao longo da narrativa de Nael, que comparava a vida de Domingas a de outras empregadas da vizinhança, “alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade” (HATOUM, 2006, p. 50).

Esse tratamento dispensado à empregada, no livro, pode ser considerado como resquício de práticas implementadas desde a colonização na Amazônia. Domingas sofre com as imposições que lhes foram aplicadas por ser uma mulher indígena, estar distantes de sua família e, assim, é tratada como alguém que precisa ser tutelada e amparada pela igreja e pela sociedade, numa perspectiva neocolonizadora. Aníbal Quijano (2005), importante pesquisador latino-americano, argumenta que essa teórica falta de capacidade dos indígenas, particularmente as mulheres, de direcionar suas próprias vidas foi usada para justificar a imposição de trabalho não remunerado. “A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos” (QUIJANO, 2005, p. 120). Essa interpretação das relações de trabalho fica muito evidente na condição a que é submetida a personagem Domingas, que foi arrancada de seu espaço e induzida a acreditar que seus patrões foram generosos ao recebê-la, alimentá-la e vesti-la, sendo, portanto, sua obrigação servi-los por toda a vida como agradecimento a essa concessão. Como se depreende no trecho:

Detestava o orfanato e nunca visitou as Irmãzinhas de Jesus. ... A visão do orfanato a oprimia. As palmadas que levou da Damasceno! Não escolhia hora nem lugar para tacar a palmatória. Estava educando as índias, dizia. Na casa de Zana o trabalho era parecido mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela (HATOUM, 2006, p. 57).

Nael conta que Domingas tinha o desejo de ser livre, mas se deixou levar pela inação e, muito provavelmente, porque não via, para si e para o filho, muitas opções de vida melhor, nem tinha para onde voltar ou ir; esteve sempre a servir aquela família e ainda havia o envolvimento com Yaqub, seu “filho postiço”, como Nael o chamava:

“Louca para ser livre.” Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada... Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar (HATOUM, 2006, p. 50).

Assim como sua vontade de liberdade foi sendo adiada, sua voz foi silenciando, num movimento de introspecção realizado pela personagem, cansada das limitações que lhe foram violentamente impostas, primeiro pelas irmãs, depois pela vida de servidão, pelo isolamento do quartinho no fundo do quintal, mas principalmente porque à sua palavra nunca foi dada atenção.

3. A (IN)VISIBILIDADE DE DOMINGAS

O passado de Domingas é pouco revelado, apenas pequenos episódios de sua infância são contados; em sua maioria se referem ao falecimento do pai, a separação do irmão mais novo e sua migração compulsória para a cidade, sob a tutela das Irmãzinhas de Jesus. Viveu conforme a vontade dos patrões, conforme o desejo e a ordem dos outros, mas Zana conta que Domingas era diferente no início: “como a tua mãe deu trabalho no orfanato! Era rebelde, queria voltar para aquela aldeia no rio dela... Ia crescer sozinha, lá no fim do mundo? Então a irmã Damasceno me ofereceu a pequena, eu aceitei” (HATOUM, 2006, p. 186). Essa fala de Zana reforça a ideia de que ter recebido Domingas em casa tinha sido um ato de generosidade, para não a deixar entregue à própria sorte.

O desinteresse pela trajetória das mulheres é histórico; seus feitos foram ignorados ao longo da narrativa da humanidade. Para Perrot (2003), as mulheres são “as sem-voz da História”, não no sentido de não terem voz efetivamente, mas por terem suas vozes ignoradas, de tal modo que a história sempre foi e ainda é contada a partir da ótica e dos feitos dos

homens, suas guerras, suas políticas, suas verdades. Scott (1995) faz um exercício de reflexão sobre a invisibilidade da mulher na história da humanidade, constatando que mesmo quando se consegue suscitar o debate sobre esse assunto e se demonstra a importância das mulheres nas ciências, na política, nas artes, nos rumos tomados pela sociedade, isso não justifica uma mudança de paradigma, porque a história que importa e é contada continua sendo a do homem.

Não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado (“as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”) (SCOTT, 1995, p. 5).

Com exceção de Nael e possivelmente Yaqub, a mulher Domingas e sua história não interessa aos outros personagens, o que contribui para o seu isolamento. E a solidão de Domingas é a solidão das mulheres que abdicam de suas vidas para servir, numa relação de dependência econômica e emocional, frequente no contexto doméstico, no qual as mulheres aquiescem por medo ou por hábito. Medo de perder o pouco que possuem, o quartinho nos fundos do quintal, o alimento diário, a oportunidade de ver o filho estudando. Hábito por terem se acostumado à rotina diária e às relações afetivas construídas no espaço da casa. A literatura produzida por Milton Hatoum tem várias personagens mulheres com vidas e destinos semelhantes:

Anastácia Socorro (*RO*, 1989), Domingas (*DI*, 2000), Naiá (*CN*, 2005) e Florita (*OE*, 2008). Descendentes da etnia indígena, personificam, no romance hatouniano, a figura da mulher submissa e servil. São mulheres humildes e totalmente desprovidas de recursos próprios... Mulheres oprimidas, cuja condição étnica atua como marca da sua alteridade e fator de discriminação a permear o convívio com o Outro (SILVA, 2011, p. 86)⁶.

Para Scott (1995), muitos(as) historiadores(as) consideram irrelevante preocupar-se em inserir a história das mulheres na história da humanidade, algo como acontece na Gramática quando usam-se termos no masculino para referir-se ao masculino e ao feminino,

⁶ As abreviaturas RO, CN, DI e OE, referem-se aos quatro romances de Milton Hatoum, a saber: *Relatos de um certo Oriente* (1989), *Cinzas do Norte* (2000), *Dois Irmãos* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008), respectivamente.

sendo que o inverso não se aplica jamais. Essa prática reafirma a ideia de que a mulher é uma extensão do homem. Essa discussão nos leva às questões de gênero e às reflexões sobre o porquê de o mundo ocidental ser dominado pelos homens. Entenda-se gênero, neste contexto, como uma maneira de se referir à organização social entre os sexos, de tal modo que as relações de gênero contribuíram para a criação do poder político, quando deram, à figura masculina, a possibilidade de existir sem o feminino, sendo que esse poder existe naturalmente ou é concedido por um poder supremo, no caso o divino (SCOTT, 1995). Construindo-se, portanto, a ideia de que se esse poder tem conotação de dom divino, é incontestável, só cabendo às mulheres a submissão.

3.1. O TRABALHO DOMÉSTICO COMO FATOR DE INVISIBILIDADE

Nesta reflexão, faz-se uma análise de uma mulher indígena do século XX, que, no contexto da obra, trabalha em troca de abrigo e alimento. Assim, é importante considerar que a questão do gênero, no que se refere ao labor feminino, é fator determinante das desigualdades sociais (SILVA, 1995), sobretudo quando associado às categorias raça/etnia e classe social. São esses três aspectos que fundamentam as relações de poder assimétricas que põem essa mulher indígena numa condição de subordinação ainda mais acentuada, de forma que pouco se questionam, ainda nos dias atuais, práticas de apadrinhamento, em que famílias abastadas recorrem ao interior amazônico em busca de crianças para estudarem na cidade e ajudarem no trabalho de casa, que, no caso das meninas, tornam-se muito frequentemente domésticas não remuneradas, até se casarem ou morrerem, como é relatado por Wagner Araújo em seu artigo *Trabalho doméstico e servidão: Trajetórias, gênero e identidade de mulheres indígenas em Manaus/AM*. Essa “condição de aparentada é a garantia de ligações longas e fieis entre a cria e a dona da casa” (ARAÚJO, 2012, p. 13), além de conferir algum nível de afetividade à convivência, um claro subterfúgio, para diferenciar essa relação de trabalho da condição de escravidão, com a qual muito se assemelha na prática. No livro de Hatoum essa afetividade é garantida através do envolvimento entre Domingas e os gêmeos:

Mas ela não tinha coragem, quer dizer, tinha e não tinha; na dúvida, preferiu capitular, deixou de agir, foi tomada pela inação. Pela inação e também pelo envolvimento com os gêmeos, sobretudo com a criança Yaqub, e quatro anos depois, com Rânia. Com Yaqub foi mais forte: amor de mãe postiça, incompleto, talvez impossível (HATOUM, 2006, p. 50).

Lúcia Helena Soratto, em sua tese *Quando o trabalho é na casa do outro: um estudo sobre empregadas domésticas* traz à discussão o fato de o serviço doméstico ter uma conotação predominantemente negativa na literatura sobre o assunto, pois “nos estudos sobre os serviços domésticos a exploração, a dupla jornada, o confinamento no mundo privado, a vergonha, a injustiça são alguns dos temas colocados em discussão” (SORATTO, 2006, p. 45). Ela atribui essa desqualificação da trabalhadora doméstica à origem da atividade que carrega o estigma da herança do trabalho escravo, além do confronto entre classes e a própria natureza do trabalho. A atividade doméstica é enfadonha, repetitiva e tende a ser conflituosa, posto que envolve relações interpessoais. A empregada se infiltra nas relações familiares e passa a fazer parte da casa, como se fizesse parte da mobília; dessa forma sua humanidade vai sendo invisibilizada.

3.2. A RELIGIÃO COMO FATOR DE OPRESSÃO

Considerando-se a maneira como Domingas foi inserida na narrativa, torna-se necessário abordar outro fator que influenciou no aprofundamento da condição de subalternidade das mulheres e particularmente das mulheres indígenas no Brasil, o religioso. Para Rosado-Nunes (2005), “as religiões têm, explícita ou implicitamente, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que delimita os papéis masculinos e femininos” (ROSADO-NUNES 2005, p. 363), em que o poder decisório está nas mãos masculinas enquanto o dever e a submissão cabem às mulheres. No caso da conquista espiritual na Amazônia, as mulheres indígenas foram convertidas antes dos homens indígenas, muito por ficarem nas aldeias enquanto seus homens se ausentavam para caçar ou em outras atividades. Nesse processo de conversão acabaram sendo usadas pelos brancos no trabalho doméstico e para o sexo, como descreve Heck et al (2005), iniciando uma longa história de servidão para as mulheres indígenas da Amazônia e suas descendentes. Esse aspecto também aparece de maneira recorrente em *Dois Irmãos*:

“Uma menina mirrada, que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs”, lembrou Halim... Durante um tempinho ela nos deu um trabalho danado, mas Zana gostou dela... “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa” (HATOUM, 2006, p. 48).

A partir da suposta conversão dos indígenas, inicia-se um processo de cobrança direcionado às índias, principalmente no sentido de se portarem de acordo com um modelo preestabelecido pela sociedade e pela igreja. Para que fossem bem vistas e aceitas precisavam tornar-se servas dóceis. E não é diferente com Domingas que precisa ser catequizada e alfabetizada para se enquadrar na categoria de boa índia e, no romance, são as freiras do convento que se encarregam de transformá-la em uma serva obediente, “um pequeno milagre desses que servem para a família e as gerações vindouras, Domingas serviu, e só não serviu mais porque a vi morrer” (HATOUM, 2006, p. 48). Ela se tornou alguém ciente de sua condição de servidão, que aspirava à liberdade, mas o ambiente em que esteve antes da casa de Zana era muito mais opressor e para lá ela se recusava a voltar, no caso o convento das Irmãzinhas de Jesus. Foi inculcado na memória de Domingas algo que poderia ser pior que sua servidão e essa memória, em grande medida, a tornava resignada.

4. INVISIBILIDADE X RESISTÊNCIA

Uma única vez ela teve coragem de voltar à sua aldeia no rio Jurubaxi; pediu e Zana permitiu que se ausentasse por algumas horas num domingo. Levou o filho à aldeia em que nasceu, transformou-se, “durante a viagem, Domingas se alegrou, quase infantil, dona de sua voz e do seu corpo” (HATOUM, 2006, p. 54). Viu os pássaros que esculpia na solidão de seu quarto, lembrado que seu pai também esculpia aqueles animaizinhos. Mas aquele já não era seu lugar e não quis ficar muito tempo. Na volta para a cidade, Nael percebe que sua mãe falava menos à medida que o fim da viagem se aproximava e Domingas ia se ajustando à personagem que criou para si, de mulher servil e abnegada.

Como consequência desse projeto de construção da subalternidade na cultura dos povos latino-americanos, por muito tempo permitiu-se que a história fosse contada apenas sob a ótica do colonizador, e foram eles, os europeus e, posteriormente, os norte-americanos que primeiro teorizaram sobre os antigos e os novos males causados pelo colonialismo e o neocolonialismo; enquanto isso os teóricos das terras colonizadas absorveram o pensamento dominante e replicaram paradigmas estrangeiros como se fossem os seus, garantindo o êxito absoluto do que Quijano (2005) considera a “colonialidade do poder”, que opera no imaginário dos dominados, passando a fazer parte de sua estrutura imaginária simbólica, servindo de instrumento duradouro e contínuo de controle dessas populações. De acordo com

Fanon (2005), o colonizado deseja o lugar do colonizador, deseja não ser um igual, mas ser o próprio colonizador. Para satisfazer esse desejo ele se torna um perseguidor em busca daquele que ele possa tratar como inferior. Com nuances que faz lembrar o que diz Paulo Freire (1987), em seu livro *A pedagogia do oprimido*, Domingas expõe o oprimido que deseja ser o opressor que existe em seu íntimo, quando se comporta de maneira autoritária destratando o peixeiro Adamor e o transforma em vítima de sua arrogância, como se fosse ela a patroa e ele o servo:

Ela só malinava na presença do Perna-de-Sapo, e toda a ousadia, contida dentro de casa, revelava-se na calçada, para quem quisesse ver. "Hoje não, Adamor, esses peixes enfeitados com salsa, cebolinha e tomate servem para dona Estelita... Eu não gosto disso, essas fantasias enganam a gente." Ele saía se arrastando, dando pulinhos, xingando minha mãe de índia metida a besta, puxa-saco de patroa... (HATOUM, 2006. P. 123-124).

No final da década de 1990, pesquisadores e pesquisadoras das regiões periféricas ao eixo Europa-EUA decidiram unir esforços para construir paradigmas desvinculados da visão hegemônica que lhes permitissem um sentimento de identificação epistêmica; não que antes não se tenham revelado tais pensamentos, mas os esforços conjuntos se intensificam a partir daí. Os inúmeros estudos sobre as categorias gênero, raça/etnia e classe social têm fomentado discussões cada vez mais complexas sobre o lugar do Outro na sociedade contemporânea. Alguns destes teóricos, como Quijano e Fanon, trabalham com o conceito de decolonialidade, aqui entendido como “um questionamento radical e uma busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas pela modernidade/colonialidade contra as classes e os grupos sociais subalternos” (MOTA NETO, 2015, p. 2), especialmente nos países colonizados e neocolonizados da América Latina, África e Ásia. O pensamento decolonial surge da necessidade de desconstruir o sentimento de subalternidade nas pessoas e nas nações colonizadas ou neocolonizadas, partindo da miséria social e econômica deixada, em direção à construção de uma autonomia individual e coletiva, capaz de transformar positivamente a vida dos envolvidos.

Sob o aspecto das discussões relacionadas às mulheres dessas nações, Susana Bornéo Funck, no artigo *Desafios atuais dos feminismos*, defende a necessidade de fortalecimento do “feminismo descolonial”, que é justamente “uma genealogia do pensamento produzido a partir das margens e comprometido com o desmantelamento da matriz de opressão múltipla, assumindo um ponto de vista que não seja eurocentrado” (FUNCK, 2014, p. 24). Funck,

assim como Quijano, defende a construção de um paradigma, próprio dos países à margem do eixo hegemônico de construção do conhecimento; somente dessa maneira a discussão sobre a decolonialidade do poder e do saber faz sentido e contribui para a transformação das sociedades colonizadas e neocolonizadas.

Voltando a pensar no lugar da mulher indígena nesse contexto decolonial, o próprio Quijano (2005) observa que a situação das mulheres nativas, tidas como inferiores, é ainda mais extrema, porque quanto mais baixa sua condição nessa hierarquia das raças, mais seus corpos foram e são menosprezados, podendo ser usados apenas como objetos, sem que haja constrangimentos de qualquer espécie. Essa condição de inferioridade contribui imensamente para que elas sejam ignoradas e invisibilizadas. Tânia Navarro Swain diz que os homens, para construir sua hegemonia, “precisaram reduzir as mulheres, oposto sem o qual não existiriam enquanto tal, a duas funções: a maternidade e a disponibilidade de seus corpos em toda ocasião. E assim conseguiram apagá-las da cena política e da memória social” (SWAIN, 2014, p. 614). Essa objetificação foi aplicada exponencialmente às mulheres indígenas e negras no Brasil, o que contribuiu para tornar suas histórias pessoais e coletivas ainda mais invisibilizadas que as das mulheres brancas.

Em DI (2006), a questão da maternidade de Domingas aparece como um marco que a fez mudar muito, isolar-se da casa, ficar distraída. Nunca revelou a ninguém a paternidade de Nael. Somente com a proximidade de sua morte, admite ao filho que o Caçula a obrigou a fazer coisas que não queria, “com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, abrutalhado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão” (HATOUM, 2006, p. 180-181). Omar sentia ciúme da cumplicidade entre Domingas e Yaqub, o que provavelmente motivou a violência, num ato de posse do objeto que supunha lhe pertencer. Há, portanto, uma suspeita que sua gravidez tenha sido resultado dessa violação, mas os padrões não falavam sobre o assunto e o menino foi criado como se fosse filho apenas de Domingas. Zana, também em seu leito de morte, confessa que não queria Nael em sua casa: “quando tu nasceste, eu perguntei: E agora, nós vamos aturar mais um filho de ninguém? Halim se aborreceu, disse que tu eras alguém, filho da casa...” (HATOUM, 2006, p. 186). Observe que para Zana Domingas era filha de ninguém, desconsiderando seu passado e sua história de vida anterior à chegada na casa da família.

O entendimento de que as pautas hegemônicas são as mais importantes, inclusive no movimento feminista, fica evidente quando se considera que as teóricas americanas e

europeias foram e ainda são as maiores referências desse movimento, apesar de que nos últimos anos muitas autoras africanas, indianas e latino-americanas estão reivindicando seus espaços ao questionarem não a importância dessas autoras, mas o descompasso entre as realidades vivenciadas por elas e as vivenciadas por aquelas mulheres que estão em lugares onde as categorias raça/etnia e classe social contribuem, ainda mais, como fatores de inferiorização das mulheres. Muitas teóricas brasileiras têm defendido a necessidade de se recuperar o legado crítico das mulheres indígenas e negras, partindo do contexto latino-americano, demonstrando o quanto elas “têm lutado contra a invisibilidade de seus movimentos dentro do próprio feminismo, iniciando um trabalho de revisão do papel e da importância na criação e na resistência de suas comunidades (FUNCK, 2014, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como recuperar esse legado é a questão que se tem pretendido resolver nos últimos tempos, o pensamento decolonial tem feito um esforço importante nesse sentido. Primeiro, compreendendo as bases da construção da subjugação dos povos colonizados e neocolonizados, inclusive discutindo sobre a condição de invisibilidade em que as mulheres foram colocadas nesse contexto. Nesse sentido o trabalho de Milton Hatoum contribui com esse propósito, principalmente quando evidencia a condição de subjugação das mulheres indígenas, sem deixar dúvidas da servidão à qual foram submetidas e, ao mesmo tempo, construindo uma personalidade para essa personagem, que revela e esconde o descontentamento dessa mulher indígena em relação ao que lhe é imposto em decorrência do gênero, da raça/etnia e da classe social em que se encontram. Essas relações assimétricas foram e ainda são muito frequente e convenientemente veladas no âmbito social, sendo a literatura um espaço possível para que dê atenção às (aos) que tem suas vozes ignoradas pela história oficial, dando-lhes uma visibilidade sistematicamente negada pelos demais espaços de discussão.

A partir dos relatos apresentados, pode-se considerar que o romance em questão traz um enredo histórico com temas que explicitam a crueldade da neocolonização na Amazônia e o quanto a servidão humana, a imposição de práticas religiosas, a invisibilidade da mulher são temas que ainda precisam ser amplamente debatidos e combatidos. Narrativas que abordam esses temas podem contribuir para a desconstrução do pensamento hegemônico, no qual

aqueles que, por sua condição existencial, são vistos como inferiores e, por isso mesmo, parece natural que sirvam aos que detêm o poder simbólico (BOURDIEU, 2017). O importante é perceber que a literatura permite uma releitura da sociedade em que se vive e que esta sociedade pode, mudando seus paradigmas, mudar o foco dos enredos literários, porque quanto mais ideias sectárias e excludentes fizerem parte da realidade humana, tanto mais estarão presentes nos contextos literários.

REFERÊNCIAS

- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- TEIXEIRA, Cristina Maria; BISERRA, Wiliam Alves. **Santas (im)possíveis: religião e gênero na literatura contemporânea**. Brasília: Ed. UnB, 2012.
- BECKER, Bertha Koiffmann. Surtos de Crescimento de Manaus. **Revista Espaço Aberto**, Revista eletrônica do Programa de Pós Graduação em Geografia - UFRJ, V.3, N.1, p. 19-44. 2013. Disponível em: <<<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/issue/download/220/76>>>. Acessado em 07 set. 2018.
- PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP 2003. p: 13-27. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000031.pdf>> Acessado em: 10 jun. 2017.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**. Porto Alegre, 16(2), p. 5-22, julho/dezembro 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acessado em 19 nov. 2017.
- HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Joana da. **Relações de Gênero no Romance de Milton Hatoum**. 2011. Dissertação. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456100997.pdf> Acessado em: 05 Jun. 2017.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. 1995. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/215>> Acessado em: 08 jun. 2017.

ARAUJO. Wagner dos Reis Marques. Trabalho doméstico e servidão: Trajetórias, gênero e identidade de mulheres indígenas em Manaus/AM. **Revista EDUCAMazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá**. Ano 5, Vol VIII, 2012, 1, jan-jun, p. 08-25. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4133138.pdf>>. Acessado em: 30 mai. 2017.

SORATTO, Lúcia Helena. **Quando o trabalho é na casa do outro: um estudo sobre empregadas domésticas**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/6679>>. Acessado em: 15 nov. 2017.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2005, vol. 13, n. 2, pp.363-365. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>> Acesso em: 17 jun. 2017.

HECK, E.; LOEBENS, F.; CARVALHO, P. D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. **Revista Estudos Avançados**, Revista eletrônica do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da US. v.19, n. 53, p.237255, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000100015>>. Acesso em: 10 out. 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

MOTA NETO, João Colares da. **O Giro Decolonial na América Latina**. Capítulo integrante da tese “Educação Popular e Pensamento Decolonial Latino-Americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda”, a ser defendida no PPGED/UFPA, em novembro de 2015. (digitalizado)

FUNCK, Susana Bornéo. Desafios atuais dos feminismos. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas** [livro eletrônico]/organizadoras Cristina Stevens, Susane Rodrigues de Oliveira e Valeska Zanello. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

SWAIN, Tania Navarro. Histórias feministas, história do possível. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas** [livro eletrônico]/organizadoras Cristina Stevens, Susane Rodrigues de Oliveira e Valeska Zanello. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica**. 5ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.